

Oralidade e saber local: o *podcast* como ferramenta de educomunicação indígena em saúde

Deyse Alini de Moura¹, José Bidarra², Juciano de Sousa Lacerda³, Luciano Victor Barros Maluly⁴

Resumo

Com o status de epidemia obtido pela sífilis no Brasil em 2016, o Ministério da Saúde, em 2017, implementou o Projeto “Sífilis não!”, que visava reduzir os índices da infecção no país por meio de ações conjuntas, envolvendo setores diversos. Este artigo deriva de um estudo realizado no eixo do projeto que previa a realização de pesquisas sobre a ampliação do uso de mediação tecnológica na educação, por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), para a disseminação de informações sobre a infecção. A pesquisa-ação, metodologia utilizada para interação com a comunidade indígena, aliada à pesquisa bibliográfica, entrevistas e realização de seminário, permitiu corroborar que o *podcast* seria a mídia adequada para abrigar uma rede de informações sobre saúde indígena, considerando-se o saber local e a oralidade, tão característicos desta população.

Palavras-chave

Educação em saúde. *Podcast*. Projeto “Sífilis não!”. Indígenas potiguara. Saber local.

¹ Doutora em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal, Portugal; cursando estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: deysmoura@usp.br.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Aberta, Portugal; professor na mesma instituição. E-mail: jose.bidarra@uab.pt.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha; professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: juciano.lacerda@gmail.com.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidade do Minho, Portugal; professor e pesquisador na Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: lumaluly@usp.br.

Orality and local knowledge: podcast as an indigenous health educommunication tool

Deyse Alini de Moura⁵, José Bidarra⁶, Juciano de Sousa Lacerda⁷, Luciano Victor Barros Maluly⁸

Abstract

With the epidemic status obtained by Syphilis in Brazil in 2016, the Ministry of Health (2017) implemented the “Syphilis no!” Project which aimed to reduce the infection rates in the country through joint actions, involving different sectors. This article derives from a study carried into the project that researches the expansion of the use of technological mediation in education, through Information and Communication Technologies (ICT), for dissemination of information about the infection. Action research, the methodology used to interact with the indigenous community, combined with bibliographical research, interviews and a seminar, allowed us to corroborate that podcast would be the appropriate medium to host a network of information on indigenous health, considering local knowledge and orality, so characteristic of this population.

Keywords

Health education. Podcast. “Syphilis No!” project. Potiguara indigenous. Local knowledge.

Introdução

⁵ PhD in Digital Media-Art, Open University of Portugal, Portugal; currently in a postdoctoral internship at the University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. E-mail: deysmoura@usp.br.

⁶ Doctor of Education from Open University, Portugal; professor at the same institution. E-mail: jose.bidarra@uab.pt.

⁷ PhD in Communication Sciences, University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; postdoctorate internship at the Autonomous University of Barcelona, Spain; professor at the Federal University of Rio Grande do Norte, State of Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: juciano.lacerda@gmail.com.

⁸ PhD in Communication Sciences, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; postdoctorate internship at the University of Minho, Portugal; professor and researcher at the University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. E-mail: lumaluly@usp.br.

A sífilis, infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema Pallidum*, apesar de antiga e de simples prevenção e tratamento, representa, ainda atualmente, um sério problema de saúde pública mundial, em virtude do elevado número de ocorrências da infecção, principalmente em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Mesmo em países desenvolvidos, a infecção tem alcançado elevação no número de casos, especialmente nos últimos dez anos. De acordo com estimativas da Organização Pan-Americana da Saúde (2019) são mais de seis milhões de pessoas afetadas pela infecção em todo o mundo a cada ano.

De acordo com o Boletim Epidemiológico da Sífilis de 2021, a notificação de indivíduos de raça/cor amarela e indígena somou 1,6% dos casos em 2020, número que, embora represente uma melhora na série de registro dos casos, denuncia uma subnotificação de incidências no grupo étnico. Além da vulnerabilidade das comunidades indígenas, a invisibilidade desse público também é uma questão a ser considerada quando se trata de números levantados em pesquisas sobre as IST. Essas condições, que podem ser ensejadas por questões como isolamento, localização e linguagem, dificultam a construção de séries históricas de indicadores de saúde.

Assim, a população indígena foi incorporada ao quadro de populações-chave do Projeto “Sífilis não!”, executado pelo Laboratório de Inovação em Saúde (LAIS), em uma cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Ministério da Saúde e que contaria, ainda, com pesquisadores de instituições internacionais, como a Universidade Aberta de Portugal (UAb-PT) e a Universidade do Algarve. O objetivo do projeto foi a eliminação da sífilis congênita e a diminuição de casos de sífilis adquirida e em gestantes. Além disso, foi necessário promover a pesquisa para o desenvolvimento de ferramentas de educação específicas para o alcance desse e demais públicos do projeto, permitindo seu acesso a informações qualificadas para prevenção, diagnóstico e tratamento em saúde, conforme apontado por documento do Tribunal de Contas da União (TCU) em 2017.

Pressupostos teóricos: educação mediada por tecnologia voltada ao saber local

Nas últimas décadas, a virtualização do ensino tornou-se uma realidade necessária, tendo em vista as constantes transformações sociais e econômicas enfrentadas em um mundo digital, cada vez mais globalizado e conectado, em que os indivíduos possuem menos tempo para o gerenciamento de uma quantidade maior de tarefas. De acordo com Monteiro, Moreira

e Lencastre (2015), não apenas as relações sociais, mas as pedagógicas contemporâneas têm sido impulsionadas pela apropriação das TIC que, estando presentes em processos de ensino-aprendizagem diversos – formal, não formal e informal –, não podem mais ser ignoradas.

A Agenda 2030 de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (2015) elenca como metas 3 e 4, respectivamente, garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Para atingir esses objetivos, a Assembleia Geral da ONU (2015) defende que a adoção da metodologia de aprendizagem ao longo da vida e dos Recursos Educacionais Abertos (REA) pelos países proporcionaria o acesso à educação a mais pessoas, por custos mais baixos.

O conceito de aprendizagem ao longo da vida adotado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (2015) remete ao processo de aprender durante toda a vida, do berço ao túmulo, com esse acesso ao conhecimento estando disponível para pessoas de todas as idades, sendo ministrado e realizado por meio de uma variedade de modalidades e atendendo a uma ampla gama de necessidades e demandas de aprendizagem. Já o termo REA (ou Open Educational Resource - OER) foi adotado pela organização em 2002, e é definido como “material digitalizado oferecido livre e abertamente para utilização e reutilização no ensino, na aprendizagem e na pesquisa” (Lisita; Franco, 2014).

Soares (2006) afirma que, quando se fala em educomunicação, refere-se a um campo de pesquisa, reflexão e intervenção social cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da educação escolar quanto da comunicação social. Trata-se de um espaço em que projetos são atualizados ou concretizados a partir dos sonhos e/ou necessidades dos grupos sociais em processo de formação e organização.

Na área da educação a distância aplicada à saúde, as tecnologias disponíveis são focadas, em geral, como modelos e propostas direcionadas para a formação de profissionais que atuam na área da saúde, em cursos para formação em larga escala em práticas e procedimentos do campo profissional. Há uma patente escassez do uso de recursos de educomunicação a distância voltadas e construídas a partir de soluções locais. De acordo com Geertz (2014), é preciso que o conhecimento, e não o saber sistematizado, se construa a partir da compreensão de significados localizados, próprios dos contextos culturais em que são produzidos. Para Marin (2009), a valorização da cultura local no processo de construção de conhecimento propicia também a reconstrução da autoestima e da dignidade das pessoas

afetadas pela dominação ocidental. Segundo o autor, é preciso construir uma concepção educativa que associe conhecimentos locais e conhecimentos globais que nos permitam pensar localmente para atuar globalmente.

Participar desta rede global de comunicação também é a expectativa dos indígenas (Gallois; Carelli, 1998) que, por conta da lógica de mercado dos meios, acabam por serem desafiados a viabilizar seus próprios espaços e a controlar a difusão das próprias vozes. As sociedades indígenas preocupam-se com o impacto que a utilização de artefatos tecnológicos tem desencadeado em suas culturas. Para esses povos, é importante que a utilização e a incorporação dessas tecnologias a suas culturas não as corrompam ou degenerem, e que esses artefatos sejam instrumentos de contribuição para a preservação da identidade cultural de cada povo (Silva; Oliveira, 2012).

Pessotto (2016) ressalta que, embora a cultura popular regionalizada venha ganhando algum espaço, seu alcance e poder de influência são curtos, considerando a presença de conteúdos produzidos a partir desse local nos meios de comunicação de massa. Desse modo, para a autora “essas identidades nacionais acabam tendo um grande risco de se confundirem apenas com tradições e memórias, embrenhando para a área do folclore, enquanto as identidades globais são ativadas no cotidiano” (Pessotto, 2016, p. 87). Por isso a importância de propiciar que a incorporação de novas tecnologias de comunicação por essas populações originárias se dê de forma integrada às vivências, demandas e culturas delas.

A mídia sonora foi proposta nesta pesquisa como instrumento educacional a ser utilizado pela população indígena para a produção e o consumo de informações em saúde por trazer, em sua essência, uma característica cara ao comunicar dos povos tradicionais: a oralidade. Como mídia de fácil acesso e baixo custo de produção, o *podcast* ganha importância como recurso educacional por ser uma tecnologia apta a propiciar novos modos de realização de atividades educacionais.

Segundo Freire (2017), a apropriação pedagógica do formato o caracteriza não como uma tecnologia de áudio, mas de oralidade. Seu uso contempla ações de ampliação do tempo e promove o reaproveitamento de materiais de outras tecnologias, como o rádio. Pode colaborar, ainda, com o exercício de atividades pedagógicas lúdicas, construídas a partir dos recursos sonoros do *podcast*, aliados à expressividade da produção de programas pelo alunado (Freire, 2015).

Para Paiva (2013), as narrativas indígenas constituem uma fonte de informação, na medida em que a informação é fruto da interpretação das pessoas que se relacionam com ela. De acordo com a autora, por meio das narrativas, os potiguaras interagem socialmente,

transmitem suas tradições, crenças, costumes, a forma como veem o mundo e, assim, repassam seus valores às novas gerações.

Na definição de Nascimento (2021), a luta dos povos originários por suas terras e pelo direito de ser e existir são os elementos que constituem a etnomídia, um tipo de comunicação que não se define apenas pela utilização dos aparatos técnicos externos, mas que se apropria deles para reforçar a ancestralidade e a identidade indígena. Dessa forma, não se trata de mera instrumentalização das novas tecnologias da informação e da comunicação para que as novas gerações se incorporem ao mundo digital ocidentalizado, esquecendo-se, no entanto, de suas tradições e ancestralidade (Cruz; Bartniski; Chagas, 2020); a etnomídia está inserida em uma rede complexa de conceitos e práticas, que atua para conectar o indígena ao mundo ocidental ao mesmo tempo em que ele se apropria desses aparatos tecnológicos para reforçar sua identidade, resistência e existência.

De acordo com Tupinambá (2016), a etnomídia indígena é adotada como estratégia para trazer reconhecimento, visibilidade aos direitos, respeito, notícias de interesse desse público, resgate cultural e, principalmente, é uma forma de quebrar antigos estereótipos ou preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada nos principais veículos de comunicação. É uma mídia livre de alguns formatos preestabelecidos e condicionados às estruturas fechadas no jornalismo. O formato *podcast* – mesmo estando inserido numa perspectiva tecnológica ocidental – emprega uma dinâmica decolonizadora e emancipadora quando adotada como produção indigenista, por compreender o tempo indígena e dialogar com a ancestralidade e oralidade da cosmologia indígena (Nascimento, 2021). É um tipo de oralidade que, ao mesmo tempo em que transmite saberes aos indígenas mais novos – inseridos no contexto do mundo virtual e tecnológico –, também contribui para que os não-indígenas respeitem e compreendam o modo de vida e a cultura dos povos originários.

Objetivos

O objetivo principal do estudo que originou este artigo foi a proposição de um modelo de REA que possa permitir às comunidades indígenas de todo o país a utilização de ferramentas de educomunicação para a produção e compartilhamento de conhecimentos em saúde produzidos a partir de sujeitos e saberes locais.

O modelo desse recurso foi desenhado a partir de toda a interação com a comunidade potiguara e imersão em sua cultura, e após realização da oficina na qual, presencialmente, após o período crítico da pandemia de covid-19, foi possível passar aos que se interessaram

pelo tema informações sobre como produzir um *podcast* e, ao mesmo tempo, coletar informações para que o REA desenhado para a tese refletisse, com a maior aproximação possível, a forma como os membros dessa etnia se comunicam e/ou desejam se comunicar.

Esse REA, um curso autoinstrucional, no momento de produção, foi disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem do SUS (AVASUS), para a multiplicação da formação de agentes locais de educomunicação em saúde em comunidades indígenas de todo o país.

Neste relato de experiência, vamos descrever a etapa da coleta de dados.

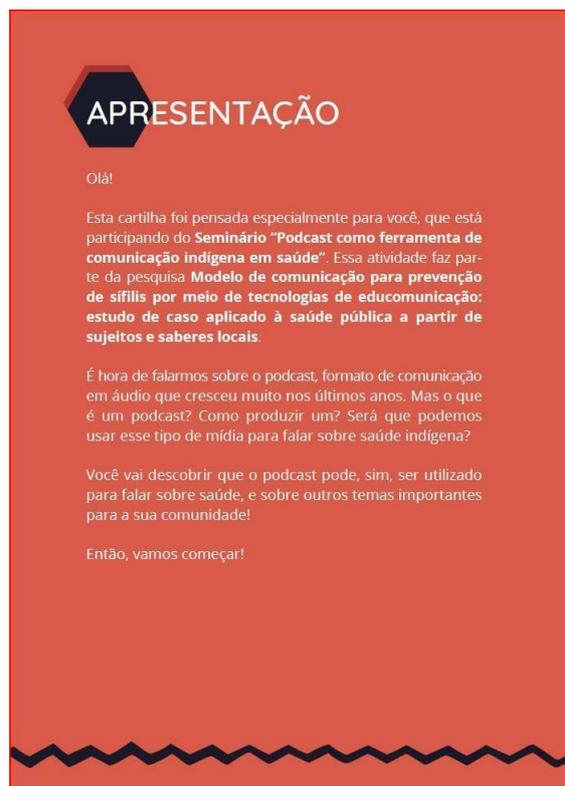
Metodologia

Para possibilitar a realização da pesquisa-ação por meio de uma oficina, foi necessário protocolar na Plataforma Brasil o projeto, autorizações e formulários para aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP/UFRN) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Após um ano de tramitação do projeto de pesquisa na plataforma, de 16 de janeiro de 2021 a 13 de janeiro de 2022, com a aprovação dos formulários pertinentes e a autorização dos órgãos competentes, a saber: 1) Cacique-Geral; 2) Conselho Distrital de Saúde Indígena (CONDISI); 3) Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI Potiguar); e 4) Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), foi possível planejar o evento, adiado algumas vezes em decorrência da pandemia do coronavírus.

Após reflexão acerca da melhor forma de abordagem dos temas sífilis e comunicação junto aos potiguaras, chegamos à conclusão de que seria válido realizar uma oficina sobre a produção de *podcasts*. Dessa forma, poderíamos dedicar um dia da atividade ao esclarecimento dos objetivos de pesquisa e apresentação do Projeto “Sífilis não!” e dos conceitos de educomunicação em saúde e etnomídia; e um segundo momento ao compartilhamento de técnicas simples para gravação, edição e publicação de um *podcast*.

Como material auxiliar, levando em conta que a atividade foi realizada em locação sem acesso à internet e para ajudar a fixação das informações que compartilharíamos com o público, foi produzida uma cartilha (Figura 1), cujo conteúdo e identidade visual foram aproveitados na produção do curso para o AVASUS.

Figura 1 – Capa e página de apresentação da cartilha produzida para a atividade



Fonte: Priscila Reis (2022).

Para divulgação da oficina, foi produzida uma peça com as principais informações, em dimensões adequadas para compartilhamento nas redes sociais (Figura 2). Solicitamos o apoio de Itajaciana para mobilizar possíveis participantes, e contatamos outra liderança local, Brenno Xavier, que nos prestaria auxílio nas diligências para entrevistas e captação de imagens em Baía da Traição.

Figura 2 – Peça de divulgação da atividade



Fonte: Priscila Reis (2022).

Além disso, foram distribuídos materiais do Projeto “Sífilis não!”, como *folders* e preservativos femininos e masculinos. A oficina foi realizada nos dias 29 e 30 de março de 2022. Para a missão acadêmica, nos organizamos em uma equipe com quatro pessoas: os dois ministrantes da oficina, o servidor responsável pelo registro fotográfico e audiovisual da missão, e o motorista. Ficamos na cidade de Baía da Traição durante toda a semana, de 28 de março a 1º de abril.

Resultados e Discussão

Iniciando a atividade, apresentei a equipe presente aos participantes da oficina (Figura 3). O público era heterogêneo, composto por crianças, adolescentes e adultos que trabalham na área da saúde e estavam em atividade no posto do DSEI, localizado bem em frente à Oca da Toré Forte, nossa locação naqueles dois dias. Perguntamos o nome de todos e o motivo do interesse pela oficina.

Figura 3 – Explicando aos participantes os objetivos da pesquisa e da atividade



Fonte: foto de André Gavazza (2022).

Conforme apresentado no plano de trabalho, o primeiro dia foi voltado à apresentação do Projeto “Sífilis não!”, explicação dos objetivos da tese e discussão sobre etnomídia, com demonstração de diversas iniciativas pelo Brasil que priorizam a pauta da luta indígena por seus territórios e direitos sociais.

Já no segundo dia de atividade, falamos sobre as definições de *podcast* e explicamos como produzir um programa de forma simples, com o uso de telefone celular, a partir de aplicativos gratuitos. Durante a segunda tarde, aproveitamos para reforçar sempre que, apesar de se tratar de um nome com origem estrangeira, tratava-se, basicamente, de um tipo de programa de rádio, que poderia ser ouvido a qualquer momento pela internet e que, assim, a ferramenta poderia ser utilizada para objetivos diversos.

Um dos participantes da oficina, Jadson Rolin, que é psicólogo e atua no DSEI Potiguara, registra, então, que um dos apresentadores do *podcast*, Eric Marky Terena, havia estado recentemente em Baía da Traição e que a troca de experiências e informações havia sido bastante benéfica.

Esse jornalista, Eric Terena, trabalhava no DSEI da etnia dele, no Mato Grosso do Sul, e estava no encontro das lideranças recentemente. Ele é muito legal, muito dinâmico, tem um trabalho muito legal. Os Terena são um povo muito politizado e as mídias deles funcionam muito. As rádios comunitárias funcionam e eles tem uma rádio FM em uma das aldeias (Jadson Rolin, 2022).

Falando sobre fazer a informação circular para além das aldeias, Jadson ressaltou que quando era adolescente participava de uma rádio que ficava na aldeia Tracoeiras e que, por meio da conexão com a comunidade *Índios Online*, na época do *Orkut*, seu grupo conseguia produzir conteúdo em parceria com outras comunidades indígenas da região nordeste.

Apresentei o caso do *podcast Áudio Wayuri*, produzido por uma rede de comunicadores de dez etnias diferentes, de comunidades do Alto Solimões, na região amazônica. Toco um trecho do episódio e explico o crescimento e a importância do programa especialmente durante a pandemia da covid-19, fazendo chegar aos locais mais distantes as informações sobre a prevenção, a vacinação e combatendo notícias falsas sobre a doença. Jadson, então, fala sobre o conceito de saúde que é trabalhado nas comunidades indígenas e que difere daquele da ciência sistematizada pela sociedade branca, e a importância da existência de conteúdos de comunicação em saúde que reflitam essa visão.

E tem a própria cosmologia da comunidade. Como é que eu percebo o que é saúde, o que é doença. Eu sei que estar doente tem muito a ver com o que eu faço, onde eu moro, com minha comunidade, e a gente tem que parar para pensar que a gente pode fazer uma coisa a partir daquilo que a gente vê como nosso processo de adoecimento. É sobre nós (Jadson Rolin, 2022).

Falo, então, sobre a sonoridade adotada nos exemplos apresentados, com a utilização de cantos e instrumentos nos episódios, como é o caso do *Sesai Cast*, programa produzido pela Secretaria de Saúde Indígena. Esse recurso ajuda a dar identidade aos programas e a criar uma conexão de afetividade com comunidades indígenas. Íris, uma jovem potiguara, conta que faz parte do coletivo indígena Apayé, que significa “onde o fruto amadurece”, em Tupi.

Nós já trabalhamos com audiovisual. Juntamos todas as formas de arte para fazer audiovisual com isso. A gente se interessa, também, por *podcast*. Ouvir a experiência do Jadson é muito importante pra gente que tá começando agora (Íris, 2022).

O segundo dia de oficina foi dedicado à parte técnica, da produção de um *podcast*. Falamos sobre a definição desse formato de comunicação. Em seguida, reapresentamos os exemplos escutados na tarde anterior, a fim de refrescar a memória dos participantes e propiciar aos que não puderam estar no primeiro momento esse contato com a mídia.

Figura 4 – As cartilhas foram distribuídas no segundo dia de atividade



Fonte: André Gavazza (2022).

Distribuímos as cartilhas entre os presentes para que pudessem acompanhar as explicações com as ilustrações do passo a passo em mãos (Figura 4). Uma participante questionou se um *podcast* é um aplicativo que pode ser baixado e se ela pode utilizá-lo pelo computador. Explicamos que é como um programa de rádio que gravamos e que o aplicativo nos ajuda a montar, e que, embora seja possível gerenciar seus *podcasts* pelo computador, a gravação e a montagem são feitas pelo celular e, hoje em dia, os arquivos de áudio ocupam bem menos espaço no dispositivo. Ela, professora, explicou a dificuldade para a categoria se adequar a tantas mudanças tecnológicas que os novos tempos demandam na atribuição de suas funções, chamando nossa atenção para a pauta da literacia digital também entre esse público específico.

Hoje a gente é obrigado a trabalhar com computador... pasta do [Google] Drive, WhatsApp, celular... são muitas tecnologias e para falar a verdade estamos começando agora a lidar com a informação e não vai ser fácil, mas vamos conseguir (Professora potiguara, 2022).

De acordo com nosso relatório, mais de cinquenta pessoas passaram pela atividade em seus dois dias de realização. No entanto, como não foram todos os participantes que apresentaram número de CPF no momento da inscrição, só foi possível emitir certificado via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) para dezesseis pessoas.

Considerações finais

Durante a atividade em campo da tese que originou este relato, apesar de seguirmos o roteiro previsto e buscarmos utilizar uma linguagem simples e acessível, notamos ainda uma certa timidez por parte do público; no entanto, compreendemos essa característica como intrínseca à personalidade dos participantes, e buscamos sempre nos manter abertos à conversação, mas respeitando os limites dos nossos interlocutores. Ainda assim, a pesquisa-ação mostrou-se como a metodologia adequada para a construção de um REA em cocriação com indígenas da etnia Potiguara, rendendo contribuições que enriqueceram o desenho do recurso educacional.

O formato *podcast*, mesmo inserido numa perspectiva tecnológica ocidental, emprega uma dinâmica decolonizadora e emancipadora quando adotada como produção indigenista, por compreender o tempo indígena e dialogar com a ancestralidade e oralidade da cosmologia indígena (Nascimento, 2021). É um tipo de oralidade que, ao mesmo tempo em que transmite saberes aos indígenas mais novos – inseridos no contexto do mundo virtual e tecnológico –, também contribui para que os não-indígenas respeitem e compreendam o modo de vida e a cultura dos povos originários.

Ao nos aprofundarmos nos conceitos de REA e de educação continuada ou permanente, percebemos que a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) faz parte de um novo paradigma de aprendizagem bastante presente na sociedade atual, que encurta distâncias e facilita acessos para um autoaprendizado e autodesenvolvimento que se enquadre nas rotinas e demandas dos indivíduos.

O avanço vertiginoso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) oportunizou o surgimento de um mundo cada vez mais conectado e globalizado. A educação mediada por tecnologia passa a ser, então, grande aliada do *lifelong learning*, permitindo a jovens e adultos o aprimoramento de suas habilidades, em contextos formais ou informais de ensino, com vistas ao mercado de trabalho, à mobilidade social e à qualidade de vida.

Este estudo, como parte de um projeto maior – o Projeto “Sífilis não!” –, com uma população vulnerável e sendo realizado em meio a uma pandemia, consideramos como limites do estudo o enquadramento de um grupo pequeno de membros da comunidade para a coleta de dados qualitativos. Inicialmente, previa-se a validação do modelo de REA proposto a partir de turma experimental, no entanto, assim como a implantação do recurso educacional no AVASUS, essa validação por membros de comunidades indígenas fica para um dos próximos passos deste trabalho.

Conforme apontado por Martín-Barbero (1997), vivemos em tempos de ressignificação do saber: das fontes e formas de transmissão. É preciso utilizar a interculturalidade como bússola para ampliar os acessos e contemplar todos os sujeitos e locais, considerando o tradicional e o contexto de produção. O acesso à educação mediada por tecnologia pode e deve ser ferramenta de emancipação do cidadão em várias frentes. Que este estudo possa inspirar outros pesquisadores a continuarem essa construção, em conjunto com aqueles que mais precisam, para que ninguém fique para trás.

Agradecimentos

Aos participantes da pesquisa e à comunidade Potiguara do município de Baía da Traição/PB.

Referências

- ASSEMBLY, U. G. **UN General Assembly, transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. 2015. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/57b6e3e44.html>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- AUDIO WAYURI. **Podcast Wayuri**. Podcast no Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4uOdGefml3DNMXfKI1oeRB>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Sífilis 2021**. Brasília, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2021/sifilis/boletim_sifilis_2021_internet.pdf/view. Acesso em: 23 jan. 2025.
- CRUZ, M. C. D.; BARTNISKI, J. E. V.; CHAGAS, L. J. V. O áudio e a etnomídia no combate ao coronavírus em comunidades indígenas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., Salvador. **Anais [...]** Salvador: Intercom,

2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2138-1.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FREIRE, E. P. A. Potenciais do podcast no aprimoramento dos fluxos informativos da educação formal. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 18, n. 2, p. 303-326, 2015. DOI 10.15210/rle.v18i2.15284. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15284>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FREIRE, E. P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-71, 2017. DOI 10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>. Acesso em: 23 jan. 2025.

GALLOIS, D. T.; CARELLI, V. “Índios eletrônicos”: uma rede indígena de comunicação. **Sexta feira**, São Paulo, v. 2, p. 26-31, 1998.

GEERTZ, C. **O saber local**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LISITA, V. M. S. S.; FRANCO, M. A. S. Pesquisa-ação: limites e possibilidades na formação docente. In: FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. (ed.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 41-70.

MARIN, J. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. **Revista Espaço Pedagógico**, Chapecó, v. 12, n. 2, p. 7-26, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/617>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Sífilis 2016**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2016>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Resposta Rápida à Sífilis nas Redes de Atenção - Projeto Interfederativo**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/gestao-do-sus/articulacao-interfederativa/cit/pautas-de-reunioes-e-resumos/2017/outubro/1-b-projeto-interfederativo-de-resposta-rapida-a-sifilis-na-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MONTEIRO, A.; MOREIRA, J. A.; LENCASTRE, J. A. **Blended (e)Learning na Sociedade Digital**. Santo Tirso: Whitebooks, 2015.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral**. Curitiba: Appris, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Organização Mundial da Saúde publica novas estimativas sobre sífilis congênita**. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-2-2019-organizacao-mundial-da-saude-publica-novas-estimativas-sobre-sifilis-congenita>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PAIVA, E. B. **Narrativas indígenas**: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8925/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025

PESSOTTO, A. H. V. Quem somos, como nos vemos e como nos identificamos. As questões de identidade, cultura nacional e diversidade na TV paga no contexto da Globalização. In: RENÓ, D. P. *et al.* (ed.). **O cinema documentário como argumento político dos povos indígenas**. Rosário: UNR Editora. p. 77-94.

SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA. **Sesai Cast**. Podcast no Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5sIXHVFkx9WWX12SBRIDUF>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SILVA, A. A.; OLIVEIRA, S. Os índios e a tecnologia: uma relação de resignificação possível. In: ALBUQUERQUE, F. E.; ALMEIDA, S. A. (ed.). **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: PUCGoiás, 2012. p. 330-344.

SOARES, D. **Educomunicação**: o que é isto? 2006. Disponível em: https://craspsicologia.files.wordpress.com/2020/08/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Acesso em: 19 set. 2020

TCU. TCU faz recomendações ao Ministério da Saúde para conter aumento dos casos de sífilis no País. **Portal do Tribunal de Contas da União**, Brasília, 20 setembro 2017. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-faz-recomendacoes-ao-ministerio-da-saude-para-conter-aumento-dos-casos-de-sifilis-no-pais.htm>. Acesso em: 13 set. 2020.

TUPINAMBÁ, R. M. Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos. Brasil de Fato, 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originaarios>. Acesso em: 22 jan. 2022.

UNESCO. **A basic guide to Educational Open Resources (OER)**. France: United Nations Educational; Scientific and Cultural Organization, 2015.

UNESCO. Institute for lifelong learning. **Lifelong learning**. Hamburg UIL, 2015. Disponível em: <https://uil.unesco.org/fileadmin/keydocuments/LifelongLearning/en/UNESCOTechNotesLLL.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

ONU. **Transforming our world**: the 2030 Agenda for Sustainable Development. United Nations General Assembly, 2015. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/57b6e3e44.html>. Acesso em: 14 set. 2024.

Submetido em 3 de novembro de 2024.

Aprovado em 20 de janeiro de 2025.